

## BORDAR UMA NOVA TERRA [ENTRE] CONTINENTES

Elaine Schmidlin<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto propõe o bordado como gesto que pode contribuir com a constituição de um novo plano de imanência, a partir de dois trabalhos artísticos de duas artistas, uma brasileira e outra portuguesa, com a intenção de romper fronteiras e criar outros modos de habitar e coexistir na contemporaneidade. A escrita, em agenciamento poético com a literatura, traz o gesto artístico do bordado como membrana de contato, deixando vir à superfície do texto, linhas de atravessamentos estéticos, éticos e afetivos, constituidoras dessa nova imagem de pensamento. Nesse sentido, o trabalho propõe o bordado como gesto aberrante que ativa o *acontecimento*, noção de Gilles Deleuze, convidando a outros modos de povoar uma nova terra entre continentes.

**Palavras-chave:** Gesto aberrante; plano de imanência; acontecimento.

**Abstract:** This paper proposes embroidery as a gesture that may contribute with the constitution of a new plane of immanence, based on two artistical works by two artists, one Brazilian and the other Portuguese, with the intention of breaching frontiers and creating other ways of inhabiting and coexisting in contemporaneity. The writing, in poetical assemblage with literature, presents the artistical gesture of embroidery as a contact membrane, enabling lines of aesthetic, ethical and affective crossings, constitutive of this new thought image, to come to the surface. In this regard, the work proposes embroidery as an aberrant gesture, which activates the event, a notion of Gilles Deleuze, inviting to other ways of populating a new earth between continents.

**Keywords:** Aberrant gesture; plane of immanence; event.



Figura 1: Paisagem I - Elaine Schmidlin – Fonte: acervo pessoal

*A harmonia secreta da desarmonia: quero não o que está feito mas o que tortuosamente ainda se faz. Minhas desequilibradas palavras são o luxo de meu silêncio. Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas – escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio.*

Clarice Lispector

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) e na Graduação de Licenciatura em Artes Visuais, ambos pertencentes à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Membro do Grupo de Pesquisa CNPq Entre Paisagens. E-mail: [s.elaine@gmail.com](mailto:s.elaine@gmail.com).

O que quero quando proponho bordar uma nova terra entre continentes? Talvez, *criar um povo que falta* como afirma Gilles Deleuze, escrevendo *por profundamente querer falar*, inventando com os pássaros outra terra para além do lugar comum do que viria a ser um bordado e como quem tece com agulhas ao bordar patas no tecido de algodão (Figura 1). Bordar? Não sei. O que me interessa é o inacabamento do gesto! Como Clarice, *quero não o que está feito mas o que tortuosamente ainda se faz*.

Para tanto, é preciso criar um novo plano de imanência<sup>2</sup> ou uma nova imagem de pensamento em torno do bordado, que renuncie aos seus fundamentos históricos e culturais, para circunscrever novos limites para o que *pode e deve ser pensado* a partir dele. Para Deleuze e Guattari, o plano de imanência seria a constituição de uma nova terra para o pensamento e para a vida, como o afirma Lapoujade:

Não é a terra dos geógrafos nem dos geólogos, é uma terra abstrata que difere incessantemente de si, que, conseqüentemente se “desterritorializa” o tempo todo em relação a si mesma, que nasce dessa mesma desterritorialização. É próprio de sua “leveza” desterritorializar-se. [...] não só habita-se a terra como poeta, mas ocupa-se a terra como nômade, como metalúrgico, como troglodita, como animal, como guerreiro, como índio, como cavaleiro errante, e também como homem de Estado, como proprietário de terras, como déspota, como burocrata – em suma, de múltiplas maneiras, segundo os agenciamentos. (2015, p. 39)

Para que isso ocorra, é preciso escavar até o fundamento do bordado para causar uma ruptura ou uma brecha que quebre a sua continuidade racional, forçando o pensamento para a lógica de um movimento aberrante, sempre irracional. Para Lapoujade, a filosofia de Deleuze se apresenta como uma lógica irracional dos movimentos aberrantes (2015, p. 13)

Para percorrer a lógica desse movimento, é preciso voltar ao ponto em que a noção de fundamento fracasse, exigindo que o gesto de bordar vá para além do seu fundamento rumo ao sem-fundo. Essa ação sobre o fundamento introduz nele uma fenda ou fratura que disjunta sua forma de identidade de modo tão intenso que exige do pensamento novas lógicas para pensar o que vem à tona do sem-fundo através da fratura. Desse modo, o que sobe à superfície insinua-se sob as formas tradicionais do bordado, gerando a crise do seu próprio fundamento. Talvez, o que emerge faça desaparecer toda a tradição para dar lugar apenas a um gesto - movimento aberrante - que nos faz remontar para além de todo fundamento, rumo ao seu *desfundamento*.

O gesto que surge na superfície é o sem-fundo, ou aquilo que rosna sob o fundamento, pois trava-se uma luta entre a profundidade e a superfície, em que aquela sempre ameaça fissurar tal superfície, tentando engolir tudo o que se produz sobre ela, pois a profundidade é solidária ao fundamento. “Eis que agora tudo sobe à superfície. [...] O devir-louco, o devir-ilimitado não é mais um fundo que murmura, mas sobe à superfície das coisas e se torna impassível”. (DELEUZE, 2003, p. 8).

Então é preciso percorrer suas superfícies - traçar um plano, uma espécie de corte, uma secção do sem-fundo que acolha no plano tudo o que provém do fundo da tradição. Pensar desse ponto de vista é pensar uma nova terra que se torna uma terra de e para o pensamento, o que, talvez, se torne uma chance para uma vida partilhada em função dos fluxos que a atravessam. (LAPOUJADE, 2015, p. 46)

Como Clarice, “mais que um instante, quero o seu fluxo”. (1998, p. 16)

---

<sup>2</sup> Para Deleuze e Guattari, o plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento... (2004, p. 53)

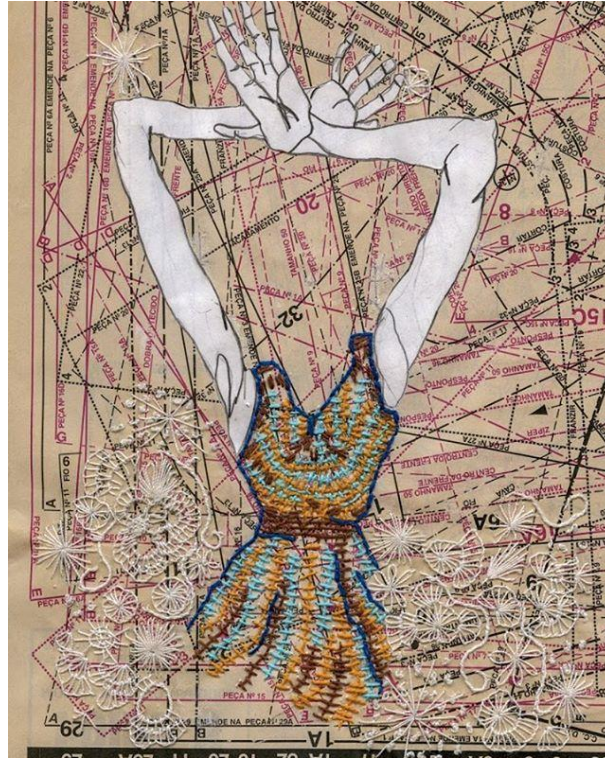


Figura 2: Título: Renda-se - Artista: Itamara Ribeiro – Fonte: <<https://www.instagram.com/itamarasribeiro/>>

[Entre]linhas, Itamara Ribeiro, artista brasileira residente em Belo Horizonte - MG, produz bordados que mesclam o cotidiano feminino em um suporte feito a partir de moldes de costura encontrados em revistas antigas. O trabalho intitulado *Renda-se* faz parte da coleção denominada *Linhas do Tempo*, que foi desenvolvida a partir de memórias afetivas de sua infância. Nesse trabalho, sobe à superfície do bordado o gesto que desobedece a regras impressas em busca de um feminino totalmente despido de padrões. As linhas do molde aparecem ao fundo deixando saltar o gesto no bordado, que quebra sua continuidade clássica e nos força a pensá-lo somente pela lógica do próprio gesto, que se insinua sob suas formas. Um gesto que escapa a toda racionalidade, simplesmente um movimento aberrante, que arrasta toda a tradição do bordado para criar um plano de composição em que a arte erige seus monumentos.

De certo modo, o trabalho de Itamara descreve as transformações pelas quais a prova do fundamento do bordado passou. É no cruzamento [entre]linhas que se dá o encontro do insensível na sensibilidade, do imemorial na memória, do inimaginável na imaginação, do impensável no pensamento. Pois o bordado, a cada ponto, apresenta um movimento aberrante que engendra esta ou aquela faculdade em função de signos que encontra pelo mundo, pois uma faculdade só desperta ao se chocar contra a sua própria impotência. Trata-se de uma metamorfose do fundado ocorrida pelo sem-fundo, no qual o gesto, afetado pela ascensão do sem-fundo, acede a suas próprias potências e adquire um direito imprescritível por ocasião de cada metamorfose. Ou ainda, como um dever simultâneo que se furta ao presente, o bordado permanece afirmando sua tradição, ao mesmo tempo que, em seu estado puro, afirma-se como metamorfose ou dever-louco que nunca se detém, como no modo contemporâneo do uso por Itamara dessa mesma tradição. Essa é a simultaneidade de um dever que se apresenta sempre “nos dois sentidos ao mesmo tempo, sempre furtando-se ao presente, fazendo coincidir o futuro e o passado, o mais e o menos, o demasiado e o insuficiente na simultaneidade de uma matéria indócil [...]”. (DELEUZE, 2003, p. 1, 2)



Figura 3: Sem Título da Série: Cartas de amor de Penélope para Ulisses – 2008 - Artista: Ana Tecedeiro

Fonte: <<https://anatecedeiro.carbonmade.com/projects/3148633>>

Por [entre]linhas, Ana Tecedeiro, poeta e artista visual portuguesa residente em Lisboa, apresenta um objeto híbrido construído com fios desfiados de tecidos industriais, fios de cobre, pequenos objetos e fragmentos de cartas de amor para tecer as relações entre Penélope e Ulisses. Como tema, Ana escolhe a rede que, como ela diz, “surge aqui enquanto construção do amor: frágil, sedutora, tantas vezes incerta e insegura”<sup>3</sup>. Para o fazer artístico, recorre a gestos que se repetem inúmeras vezes, conferindo outra densidade ao tempo e novos sentidos aos elementos recolhidos por ela.

Como uma cartografia, Ana, com seu gesto, territorializa e desterritorializa os pontos do bordado ao fazer e desfazer seus fios, como Penélope, fato que também a liberta da tradição. Rumo ao sem-fundo, o bordado vai além do seu fundamento em um movimento aberrante, expondo uma cartografia que se torna expressão de potência de modo imanente.

Ana, com seu gesto, nos propõe não mais uma representação de um bordado tradicional, mas expõe a sua diferença que se desprende livremente dessa tradição. Desse modo, alguma coisa do fundo sobe à superfície insinuando-se sob as formas, gerando a crise do fundamento para dar lugar apenas ao gesto. Com isso, a terra ou a tradição criada pelo fundamento é substituída pela nova terra desterritorializada; a forma de identidade do bordado é substituída pelas diferenças livres do sem-fundo em que cópias e representações são substituídas pelos simulacros e apresentações puras da diferença, abrindo-se a uma matéria intensiva. Algo que nos arranca das percepções e das afecções humanas e nos devolve ao movimento, seguindo os vetores de uma nova terra, deserto de pura matéria intensiva com conjugações de fluxos e distribuições singulares povoando a tessitura de sua rede.

<sup>3</sup> <<https://anatecedeiro.carbonmade.com/projects/3148633/9635239>> - consulta realizada em 10/01/2018.

## Uma nova terra [entre] continentes

Para bordar uma nova terra, é necessário ocupá-la como poeta, como o faz Clarice Lispector, ou como artista como o fazem Itamara Ribeiro e Ana Tecedero. Nas composições elaboradas por elas ocorrem agenciamentos a partir do gesto de cada uma delas. O que sobe a superfície? Linhas que atravessam e cruzam mares como pássaros. O que torna possível perguntar: O que pode ser pensado a partir do que sobe à superfície no gesto artístico do bordado? O gesto de uma fatura artística pode, talvez, tornar visível uma imediação - algo como uma transição - quase como uma ancoragem flutuante com inflexões e modulações, humana e inumana, como passagem indicativa de produção de outros tipos de relações. Essa transição se dá no intervalo entre um gesto e outro portador de uma espessura potencial expressiva, que não tem nenhum conteúdo a transmitir. No caso, nessa imediação [entre]linhas há uma reativação do passado no presente, esse terceiro que emerge e não tem forma nem conteúdo, que, por sua vez, não interfere como em uma mediação.

Na imediação [entre]linhas proliferam movimentos aberrantes que atravessam o plano de composição dos bordados, instituindo uma conversa fluxo [entre] lugares continentais, Portugal e Brasil. Conversa que, quanto mais se desterritorializa mais ocupa outra terra, deslocando-se por vetores e linhas de força que, de algum modo, podem (re)traçar um outro mundo possível. Para tanto, é preciso entender com Deleuze e Guattari que, essa experiência que cruza o bordado, tomada do real, é não mais uma relação a um eu que borda alguma coisa, mas uma relação a um “há...”.

Há, nesse momento um mundo calmo e repousante. Surge, de repente, um rosto assustado que olha alguma coisa fora do campo. Outrem não aparece aqui como um sujeito, nem como um objeto mas, o que é muito diferente, como um mundo possível, como a possibilidade de um mundo assustador. (2004, p. 28)

Na topologia da criação dessa nova terra, o pensamento é o que se desdobra em função de um combate que nele se realiza. Como afirma Deleuze, não se trata mais de um combate contra os outros, contra a história e sua colonização, mas trata-se de um verdadeiro combate contra si, em que “o próprio combatente é o combate, *entre* suas próprias partes, entre as forças que subjagam ou são subjagadas, entre as potências que exprimem essas relações de forças”. (DELEUZE, 2011, p. 169)

O que se desenrola *entre* a criação do plano é o combate a forças que insistem em modelar a cultura e a história, para novamente pensá-las como blocos de sensação em devir a-histórico, porque “o que acontece, enquanto acontece e rompe com o passado, não pertence à história e não poderia ser explicado por ela”. (ZOURABICHVILI, 2016, p. 48)

Para tanto, Deleuze desafia a pensar o dispositivo [bordar] em termos dinâmicos: como processos, movimentos, tensões, linhas móveis e múltiplas, em vez de oposições binárias fixas. Essa não estabilidade seria um atributo constitutivo do próprio dispositivo, um novelo ou meada, um conjunto multilinear formando processos instáveis que deslocam objeto, sujeito e linguagem, criando um diagrama que vai se estabelecendo entre traços, marcas e situações de vida que buscam abrir a apreensão sensível a uma modalidade particular de inter cruzamento entre o gesto de bordar e os gestos subjagados à história e à cultura. Nesse inter cruzamento, territórios se deslocam movidos por forças que provocam um pensar sobre e com o gesto artístico do bordar para além de suas margens, em flutuações intensivas e múltiplas, em estados descontínuos e incoerentes. Para Pelbart, essa ocorrência seria de um modo que:

[...] ainda que um signo responda sempre a um grau de intensidade mais alto ou mais baixo (por exemplo, o *eu*, sujeito de todas as proposições), é incapaz de dar conta do movimento-caos que lhe dá origem, que lhe escapa, que o transborda e o ameaça por todos os lados. (2009, p. 161)

Nesse movimento-caos aparecem regiões intersticiais [entre] zonas de contato que inventam outra paisagem diagrama luso-brasileira. Nesse lugar, o bordado e seu gesto correspondem à sensação, experiência da multiplicidade, ativando fluxos e ritmos que se desdobram e acolhem - como se a costura do gesto pudesse ser percebida como um imenso bordado imaterial composto de membranas plástico-discursivas, que apontam a intensidade que passa pelo meio das coisas, pelo meio das palavras, atravessando paisagens longínquas e limites imprecisos que emergem à superfície do texto quando se olha o gesto de bordar como vestígio, marca que longe de ser apenas objeto, traça diagramas de afetos [entre] culturas distantes e próximas. Apenas inquietação... que vibra a pulsar nos bordados. Inquietação de linhas dissemelhantes em que fervilham pequenas diferenças infinitesimais que se fazem porque os gestos entram em relações diferenciais, porém não se trata de diferença genérica ou individual entre os mesmos. Os modos de bordar das duas artistas é que se compõem de variações de intensidade, graus de potência de algo que permanece essencialmente o mesmo. Afinal, continuam a ser bordados. Portanto, no plano de composição, as artistas, com seus gestos, deixam marcas e traços éticos e estéticos e, se esses gestos são também políticos, *é porque os povos não são separáveis dos gritos que se fazem ouvir*.

O que aparece entre os gestos artísticos é a vertigem de um espaço liso<sup>4</sup>, porém, com alguns pontos referenciais. Mas, não basta ter um solo ainda é preciso um céu para fixar a terra. Os gestos, então, se tornam modos de espacialização que não se confundem com a terra, modos de povoamento que atestam a existência do dinamismo da própria matéria, em que linhas e nuances saltam à superfície, marcando o movimento aberrante. Este é a expressão da potência ou o que a expõe, ela mesma inseparável da nova terra pois dela procede. Expressão de potência de modo imanente, nunca a pretensão ligada aos limites do princípio transcendente que o funda. (LAPOUJADE, 2015, p. 63).

Na nova configuração tecida pelas artistas o fundamento do bordado perde seu grau teórico para se tornar acontecimento. Para Deleuze, “o acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”. (2003, p. 152)

Portanto, é sempre um acontecimento que nos leva a perguntar o que foi que aconteceu. O acontecimento corrobora a ação do sem-fundo sobre nós. Algo acontece que muda tudo e que desloca as potências e as capacidades, com o acontecimento redistribuindo as potências. Por meio do acontecimento tudo recomeça, repetindo-se de outro modo, em que potências são revolvidas segundo outras dimensões. Nessa retomada, a repetição do gesto de bordar se torna potência da diferença em um porvir que rompe com o passado de modo intempestivo. Enquanto a memória faz círculo com o vivido para se tornar transcendental o porvir rompe com o vivido e com todo o passado pessoal ou coletivo e atesta um novo transcendental. O porvir se torna, então, reserva de acontecimentos na coexistência de mundos impossíveis que se distribuem diferencialmente e paradoxalmente no curso do tempo. (LAPOUJADE, 2015, p. 80, 81)

Agora, o bordado segue os vetores de uma nova terra, deserto de pura matéria intensiva com seus fluxos e populações moleculares com um corpo pensado e produzido de outro modo. Deliram-

---

<sup>4</sup> [...] o espaço liso se caracteriza por um desmoronamento das coordenadas extensivas, uma perda do horizonte e de abrangência que faz dele um espaço sem direção nem dimensão, de visão próxima. Céu e terra se confundem numa percepção por assim dizer interna ao espaço, como no espaço esquimó, no qual céu e terra se encontram num branco absoluto [...] (LAPOUJADE, 2015, p. 61, 62).

se as moléculas para formar outros corpos, outros seres como na figura 3, ou a mulher da figura 2, ou pássaros moleculares formados a partir da poeira da nova terra, como aqueles da figura 1.

Não se concebe mais corpos a partir da representação que se faz deles nem do vivido; mas sim somente aqueles produzidos a partir dos *perceptos e afectos* de que nos tornamos capazes. Corpos que procedem por relações de latitudes e longitudes entre potências, criando novos enunciados, fabulações e devires, tarefa estética política e filosófica. Segundo Lapoujade:

Não é o filósofo aquele que povoa o plano de imanência com conceitos, como tantas alucinações e delírios? Não é o artista aquele que povoa o plano de composição com figuras, anões e gigantes, montanhas de cores e explosões de luz? E se arte, filosofia e ciência são inseparáveis da política, é à medida que repovoam o mundo de outro modo. Não vemos mais as mesmas coisas, não falamos mais da mesma maneira. (2015, p. 305)

*Não falamos mais da mesma maneira* porque tanto os artistas quanto os poetas e os filósofos fabricam o real e não respondem a ele. Seria uma utopia? Diria que se trata deste mundo. Não a utopia de um outro mundo, mas fabulações e delírios deste mundo. Somente assim nos farão crer neste mundo de novo. E acredito que um gesto instaurado na imanência, um pequeno gesto aberrante, intensifica a experiência de bordar e pode modular uma abertura a outros mundos possíveis e modos de existir. Há no gesto de bordar uma tessitura de um solo e de um povo ainda por vir.

## Referências

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

\_\_\_\_\_. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes; Revisão de Mary Amazonas Leite de Barros; Produção de Ricardo Neves, Heda Maria Lopes e Raquel Fernandes Abranches. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2003.

\_\_\_\_\_. GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Tradução e prefácio de Luiz B. L. Orlandi. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.